

APRESENTAÇÃO

Este número de *Sociologia & Antropologia* se inicia com a entrevista de Faye Ginsburg, precursora do estudo sobre o cinema indígena, concedida a Marco Antonio Gonçalves e André Brasil. O trabalho de Ginsburg ilumina a produção e a circulação de imagens que questionam a vocação de fluência e transparência da tradição imagética ocidental, evidenciando o lugar crítico da mediação cultural e abordando questões de amplo interesse, como os efeitos da era digital, a propriedade intelectual, a devolução e reutilização de arquivos étnicos. Esses temas se desdobram no artigo de sua autoria “Indigenous media from U-Matic to YouTube: media sovereignty in the digital age”, que apresenta um panorama da atuação e das ideias da autora desde os primeiros desafios do cinema indígena, então nascente na remota Austrália Central na década de 1980. André Brasil e Bernard Belisario em “Desmanchar o cinema: variações do fora-de-campo em filmes indígenas”, e Marco Antonio Gonçalves em “Intrépidas imagens: cinema e cosmologia entre os Navajo” aprofundam a discussão imagética e conceitual trazida pelos filmes realizados por cineastas ou coletivos indígenas. Com a noção de fora-de-campo, Brasil e Belisario buscam demonstrar, pelo exame de cinco filmes produzidos entre 2009 e 2013, como esse cinema se faz por meio de forças que, embora não presentes no enquadramento das imagens que vemos, as condicionam e possibilitam, exigindo ao mesmo tempo seu permanente refazer. Gonçalves examina em detalhe o filme *Intrepid shadows*, integrante do projeto Navajo Filming themselves, coordenado por Sol Worth e John Adair na década de 1960 e precursor na antropologia visual. A análise das imagens produzidas pelo navajo Al Clah explora as conexões entre cosmologia e cinema que lançam luz sobre modos diversos de ver e pensar.

“As celebridades como emblema sociológico”, de Renato Ortiz, associa o debate sobre as celebridades nas ciências sociais à renovação disciplinar da abordagem do mundo contemporâneo. Até 1970-1980, a noção de cultura de massa com suas implicações de homogeneização teria impedido a definição de contornos para o tema que se ilumina apenas quando as noções de diferença e flexibilização se impõem como relevantes na discussão da esfera cultural.

Em “Como estudar a emoção musical? Propostas metodológicas a partir de pesquisa junto aos ciganos da Transilvânia (Romênia)” Filippo Bonini Baraldi traz alentada reflexão sobre o estudo da estreita ligação da música com os processos emocionais em busca de parâmetros que permitam comparar a produção da emoção musical em sociedades diversas. O estudo etnográfico da *performance* em diferentes situações dos “prantos musicais” – um gênero da música produzida por uma comunidade cigana da Transilvânia em que música e lágrimas caminham juntas – convida o leitor a vislumbrar a possibilidade de identificação de processos psicológicos e sociais recorrentes da emoção musical. “Gilberto Freyre entre o frevo e o samba no carnaval do Recife”, de Hugo Menezes Neto, enfoca sob o ângulo original da música carnavalesca os clássicos temas da “adaptação”, das “influências transregionais” e do “equilíbrio dos contrários” que permeiam a obra freyriana. Na contraposição entre o samba, originário do Rio de Janeiro, e o frevo, configurado no carnaval pernambucano, as cidades do Rio de Janeiro e do Recife são chamadas a encarnar polos opostos do binômio tradição e modernidade que se sobrepõem à festa recifense e buscam orientar e valorar o gosto erudito e popular.

Fernando Alberto Balbi, em “A moral e a produção da vida social em Émile Durkheim: notas para uma leitura heterodoxa”, busca dar conta das relações da moral com a ação humana, ilustrando seu ponto de vista com materiais etnográficos relativos a uma cooperativa de pescadores artesanais às margens do rio Paraná, na Argentina. Otávio Velho, por sua vez, em “O que é pensar desde o Sul” retoma diálogo latino-americano crítico ao eurocentrismo, defendendo a etnografia como via crucial para a compreensão dos conflitos e transformações que permeiam os processos sociais contemporâneos.

Finalmente, José Maurício Domingues resenha o primeiro volume da trilogia em curso de publicação *Weber, Frankfurt: teoria e pensamento social*, de Gabriel Cohn, saudando a obra complexa e multifacetada do autor e sua notável contribuição ao pensamento sociológico e crítico.